

# Primeira Guerra Mundial segue viva na memória

Cem anos depois, lembranças da batalha ainda assombram franceses e americanos

por [Richard Rubin](#)  
12/09/2014 | 06h44



Foto: William Daniels / NYTNS

**The New York Times**  
ZH

Os norte-americanos se esquecem. A culpa não é inteiramente dos Estados Unidos: os norte-americanos foram condicionados por quase um século de histórias revisionistas britânicas a acreditar que não fizeram muita coisa na I Guerra Mundial e por inúmeros relatos de taxistas grosseiros e garçons arrogantes a acreditar que os franceses não gostam muito de norte-americanos. Porém, as duas crenças estão, na verdade, equivocadas e o grande motivo para a segunda ser uma inverdade é que a primeira está muito longe da verdade, e

os franceses sabem disso.

Eles nunca esqueceram que quando a guerra estava atolada em um impasse sinistro e os franceses e seus aliados britânicos se encontravam exaustos a ponto do colapso, foram os norte-americanos – frescos e ávidos por lutar e se apresentando em grandes números – que intervieram, na hora certa, afetando o equilíbrio. Na verdade, os franceses pouco falavam inglês e cobravam uma quantia ultrajante por uma pequena garrafa de Coca-Cola; mas eles são gratos. Muito gratos. Eles se lembram. Vá à França e eles também o lembrarão.

Certa tarde deste verão (no Hemisfério Norte), parti do vilarejo de Romagnous-Montfaucon, na região francesa de Lorena, para achar determinada casa de fazenda. Eu havia passado a manhã caminhando pelos campos locais e florestas, procurando vestígios da Grande Guerra, incluindo locais ligados aos perto de três dúzias de veteranos, com idades entre 101 e 113 anos, que eu vinha entrevistando desde 2003.

A casa que eu procurava, no entanto, tinha uma ligação mais famosa: em 1914, quando os alemães estavam tomando a área, um jovem segundo-tenente chamado Erwin Rommel parou para comer e descansar ali. Um guia que eu conheço desenhou um mapa até o lugar. Uma coisa boa: a exemplo de boa parte da Lorena, na região nordeste do país, a área é bastante rural, e muito do que se pode querer ver aqui não é acessível pelos tipos de estradas que norte-americanos reconheceriam como caminhos viáveis.

Consegui achar o lugar, bati fotos e estava prestes a entrar no carro quando uma Nissan prateada 4x4 encostou. Um homem atarracado e corado na casa dos 60 anos com olhos azuis-claros desceu e me cumprimentou, amigavelmente, mas claramente se perguntando o que eu fazia ali. Num francês rudimentar, perguntei se ele sabia a respeito de Rommel e a casa. Ele não sabia. Contudo, naquela casa, ele acrescentou de bate-pronto, apontando

para uma construção menor a cerca de um quilômetro no outro lado de pequenos portões, onde estivera Douglas MacArthur em 1918.

— Você quer ver? — ele perguntou sorrindo. Subi na picape enquanto ele abria a primeira porteira. Quando parou no outro lado para fechá-la, vacas e bezerros se reuniram amigavelmente. O homem explicou que suas terras compreendiam várias fazendas antigas; aquela aonde nos dirigíamos era conhecida em 1918 como La Tuilerie. Ela, e todas as demais que compõe sua propriedade, fizeram parte do Kriemhilde Stellung, trecho de formidáveis fortificações alemãs que integravam a Linha Hindenburg, a cadeia suprema de defesa do invasor na França. Ele parou para abrir outra porteira.

— MacArthur, veio dali, no começo da manhã. Divisão 42. Outubro de 18 — ele disse, apontando morros cobertos de árvores à sua direita. Os franceses não sentem necessidade de especificar o século quando mencionam a Grande Guerra. A casa da Tuilerie parecia desabitada há muito tempo; ainda tinha quatro paredes, mas nenhum telhado. — MacArthur esteve aqui — anunciou meu anfitrião, um tanto reverente. Foi em 14 de outubro de 1918; La Tuilerie foi o endereço de batalhas particularmente ferozes, com os alemães fazendo chover fogo sobre os norte-americanos a partir de um morro próximo, Côte de Châtillon.

Reza a lenda que MacArthur recebeu ordens de tomar Châtillon ou apresentar cinco mil baixas na tentativa. De forma memorável, ele respondeu que o faria ou seu nome seria o primeiro da lista. A seguir, meu anfitrião apontou para uma linha de árvores ali perto.

— As árvores estão cheias de trincheiras alemãs. Quer ver? —

Cruzamos picadas até chegarmos a uma série de valas, com dois metros e meio ou mais, fazendo curvas para cá e para lá a intervalos de poucos metros,

às vezes cruzando com outras trincheiras profundas em ziguezague. A passagem de um século não as erodiu; não dava para confundi-las com qualquer outra coisa.

— Ali existem dois fortes alemães. Quer ver? —

Andamos pelo mato por mais cinco minutos até toparmos com duas enormes casamatas de concreto agachadas numa depressão. Elas estavam rígidas e, como as trincheiras, inconfundíveis, embora tão cobertas de vegetação e árvores caídas que demorou um pouquinho para descobrir como entrar nelas. Por fim, agarrei um cipó e descii me balançado até uma das construções, com meu anfitrião me chamando de Tarzan. Saquei a lanterna do bolso e entrei na primeira casamata, depois cheguei à segunda. Elas estavam vazias, mas sólidas, notavelmente bem preservadas considerando que os alemães as abandonaram 96 anos atrás. Em uma delas havia um buraco para o periscópio. Logo ele estava me contando sobre outra coisa e perguntando, novamente, se eu queria ver.

Nós passamos quase cinco horas juntos naquela tarde, dirigindo pelos campos e povoados onde aconteceu isso ou aquilo no outono de 1918, até que terminamos numa trilha escarpada de terra no topo de um morro coberto de árvores. A poucos metros abaixo, nos dois lados, viam-se redes de trincheiras alemãs. Esta era Côte Dame Marie, posição elevada de grande importância estratégica para os alemães. Durante quatro anos, eles a usaram para repelir ataques franceses e, assim, manter a posse de um grande pedaço da floresta de Argonne, decisiva para controlar uma grande área.

Então, em outubro de 1918, a 32ª Divisão norte-americana, tropas da Guarda Nacional de Wisconsin e Michigan, conseguiu conquistá-la, ao custo de muitas vidas norte-americanas. Meu anfitrião, Jean-Pierre Brouillon, acenou para mim e apontou morro abaixo através de um trecho onde as árvores não

eram tão densas, sendo possível ver o grau do declive, que parecia estar ao redor dos 60 graus. Ele apontou para o pé do morro.

— Eles subiram lá debaixo, com metralhadoras, rifles, artilharia, tudo — afirmou, olhando para mim com uma expressão que traduzia incredulidade. — Os franceses não expulsaram os alemães daqui — ele declarou, visivelmente comovido. — Os ingleses também não expulsaram — Ele meneou a cabeça. — Só os norte-americanos. Somente os norte-americanos conseguiriam fazer isso —

O centenário da Grande Guerra apresenta tanto a norte-americanos quanto a estrangeiros uma bela oportunidade para explorar o papel importante que o país desempenhou naquele conflito. Porém, existem desafios: a guerra aconteceu cem anos atrás. E, além disso, foi tão grande, em todo aspecto concebível, que pode parecer impossível compreendê-la. Você escuta coisas — quase um milhão de homens morreram apenas em Verdun em 1916; em quatro anos, as nações combatentes sofreram uma perda total de 40 milhões de pessoas, desaparecidos e feridos; mais de 116 mil norte-americanos morreram em apenas 19 meses; bilhões de projéteis e balas foram disparadas – que é impossível deixar de pensar: o que posso concluir disso? Por onde começo? Você pode visitar um dos cemitérios dos Estados Unidos – quem sabe um dos "pequenos", como o Belleau Wood (conhecido oficialmente como Aisne-Marne) e escolher uma tumba ao acaso. Vamos lá: seção B, fila seis, sepultura 51: Earle W. Madeley. 102º de Infantaria da 26ª Divisão. Connecticut. 21 de julho de 1918. Não existe nada na lápide que diga onde ou como ele morreu, mas os livros de história registram que em julho de 1918, o 102º Regimento de Infantaria, integrante da 26ª Divisão, lutava para expulsar os alemães do vilarejo de Belleau.

A laje não menciona que Earle W. Madeley era cabo, provavelmente um homem de iniciativa, coragem, liderança. Talvez isso tenha sido a causa de

sua morte. Ele e os outros 2.287 enterrados em Aisne-Marne faleceram há quase um século, mas, de alguma maneira, quando se fica ali parado, não se tem essa impressão. Isso porque estamos na França onde, segundo a famosa declaração de William Faulkner, "o passado não está morto; nem sequer é passado", parece insuficiente quando se pensa na Primeira Guerra. Os franceses ainda falam dela com tanta emoção que dá a impressão que estamos em 1914, não em 2014.

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/09/primeira-guerra-mundial-segue-viva-na-memoria-4596696.html>